

# Cadernos letra e ato

## EDITORIAL

Há sete anos o Grupo de Estudos em Dramaturgia Letra e Ato mantém a publicação de seus *Cadernos*, anualmente lançados, com o objetivo de divulgar as pesquisas realizadas pelos nossos pesquisadores. Ensejamos, com isso, impulsionar jovens pesquisadores à escrita acadêmica e à divulgação de seus trabalhos, muitos ainda em estado inicial, embrionário; outros, resultados de investigação de um ou dois anos. Junto aos novos pesquisadores, temos autores que participam do grupo desde sua fundação. Além disso, manter a sistematicidade de nossos *Cadernos* coloca o grupo em um espaço particular – ainda que verifiquemos certa rotatividade de integrantes – de uma equipe ativa e de trabalho coletivo, com as publicações, organizações de eventos e reuniões constantes para debate. Estamos, assim, consolidando uma prática que sustenta nossos trabalhos desde o início do Letra e Ato.

Este ano, bastante particular para o caráter do grupo, com um crescimento significativo de integrantes, contamos com doze artigos que traduzem de algum modo essa transformação. Agora interinstitucional, estamos com pesquisadores de quatro instituições diferentes: além da Unicamp, universidade que sedia o grupo desde seu início, agora também contamos com pesquisadores da UFRN, UFOP e UFMG. Nesse sentido, contemplamos neste número quase todas. Os artigos, de temas bastante variados, são exemplo também da amplitude dos trabalhos do grupo, em cujas reuniões ocorrem discussões intensas, nas quais várias perspectivas teatrais são contempladas.

Diversos artigos desse volume examinam o teatro de artistas estrangeiros, o que denota uma interessante interlocução entre o teatro ocidental como um todo, e o brasileiro, nos trabalhos do grupo. Nesse caminho, Lucila Vieira faz uma leitura sobre como a obra de Gil Vicente pode trazer conhecimento para o teatro do século XX e, inclusive, o contemporâneo. Lucas Pinheiro investiga o trabalho de um dos maiores artistas do teatro

recente, que gerou impacto em produções de diversos países, Bob Wilson, analisando seu diálogo com o artista-autista Christopher Knowles.

Os artigos de Carolina Delduque, de Igor Nascimento e de Isabella Soares analisam obras criadas pelos próprios autores. No caso de Delduque, o trabalho examina sua criação, como atriz, de uma personagem brasileira, que, por sua vez, faz uma interpretação de uma cena de *A gaivota*, de Anton Tchekhov. Igor Nascimento analisa o processo de criação de *As três fiandeiras*, espetáculo do grupo Xama Teatro, de São Luiz, Maranhão, do qual foi diretor e dramaturgo. E Isabella Soares investiga como visões de mundo diferenciadas podem repercutir no teatro, ao escrever sobre dois processos cênicos com base em peça de Samuel Beckett.

Dando ênfase à compreensão do teatro brasileiro do século XX, em suas várias fases, Dalila David Xavier, Elen de Medeiros, Flávia Pacheco, Gabriel Reis Martins, Larissa de Oliveira Neves e Sofia Fransolin contribuem consideravelmente para pensarmos as formas brasileiras de teatro que se desenvolveram no decorrer do século. Dalila dedica-se a dois autores importantes dos primeiros decênios: João do Rio e Roberto Gomes e a relação que ambos têm com o movimento simbolista europeu ao mesmo tempo com que dialogavam com o teatro vigente no Brasil. Em seguida, Elen de Medeiros, a partir de uma pesquisa de pós-doutorado, se dedica ao movimento Teatro de Brinquedo, idealizado por Álvaro Moreyra; e Larissa de Oliveira Neves, abarcando o mesmo período, reflete sobre o teatro popular e profissional. Flávia Pacheco, Gabriel Martins e Sofia Fransolin caminham um pouco mais cronologicamente, e lidam com autores que já se encontram no momento de consolidação da modernidade teatral no país: Dias Gomes e *O pagador de promessas*, objeto de investigação de Flávia; Nelson Rodrigues e sua peça *Boca de ouro*, analisado por Gabriel; e a encenação de *Rasto Atrás*, de autoria de Jorge Andrade, pelo diretor Gianni Ratto, no caso de Sofia.

Por fim, colocando em pauta não necessariamente a dramaturgia, mas observando o espectador, Matheus Borelli dos Santos desenha o conceito pulsão de teatralidade, cuja base teórica de compreensão da relação entre o espectador e o palco é a noção de pulsão de ficção, de Suzi Sperber.

Boa leitura!

Elen de Medeiros  
Larissa de Oliveira Neves